

DISCURSOS DOCENTES DE ESCOLAS PÚBLICAS: DISPUTAS DE SENTIDOS SOBRE BISSEXUALIDADE NAS EREMS DE PASSIRA-PE

Renan Elizeu da Silva¹

Marcelo Henrique Gonçalves de Miranda²

Resumo: O neoconservadorismo e o neoliberalismo condensam sentidos que constroem uma gramática cis-heteronormativa e monossexista que torna ininteligível os corpos bissexuais no espaço escolar. Sendo assim, o presente estudo toma como objetivo compreender as disputas de produções de sentidos nos discursos de docentes nas duas escolas públicas estaduais do Ensino Médio da área urbana de Passira-PE, localizada no agreste pernambucano. A metodologia utilizada foi a análise do discurso de inspiração foucaultiana e a técnica de fabricação de dados foi a entrevista semiestruturada. Como resultados, foi possível observar que, nas disputas sobre a produção de sentidos presentes nos discursos dos/as docentes, emergiram duas articulações discursivas: uma essencialista e binária, que reforça o monossexismo e marginaliza a bissexualidade, e outra que combina discursos biológicos e sociológicos, desestabilizando a cis-heteronormatividade. Os/as docentes entrevistados/as reconhecem a identidade bissexual e demonstram interesse em trabalhar essa temática, mas justificam que a ausência de documentos oficiais na educação que incluam sexualidades diversas no currículo escolar, aliada ao conservadorismo do contexto interiorano, limita suas ações. Assim, a ordem cis-heterossexual é mantida e reforçada pela família, religião e até por alguns docentes, cujo preconceito dificulta a inclusão das identidades não heterossexuais no currículo, comprometendo a formação dos estudantes.

Palavras-chave: Bissexualidade; Monossexismo, Cis-heteronormatividade; Discursos docentes; Produção de sentidos;

INTRODUÇÃO

As instituições educacionais apresentam em seu *locus* uma das nuances da humanidade que é a sexualidade desde sempre. Entretanto, sua inexistência nos mais variados documentos educacionais como por exemplo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) ou o Plano Nacional de Educação (PNE, 2014) fortificam o desagendamento da abordagem das identidades sexuais nas escolas. Essa lacuna impossibilita que professores possam tratar dos corpos, gêneros e sexualidades de forma aprofundada com respeito e possibilitando um aprendizado com as diferenças na sala de aula, na gestão ou coordenação, o que promove brechas na vivência da sexualidade dos estudantes.

¹ Graduando em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico do Agreste (UFPE-CAA). Integrante do Grupo de Pesquisa CNPq Processos de Subjetivação, Educação, Gênero e Sexualidade. E-mail: renan.elizeu@ufpe.br

² Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professor Associado, no Núcleo de Formação Docente (NFD), Campus do Agreste (CAA/UFPE) e Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea (PPGEDUC/UFPE). Líder do Grupo de Pesquisa CNPq: Processos de Subjetivação, Educação, Gênero e Sexualidade/UFPE. E-mail: marcelo.gmiranda@ufpe.br

Esse movimento não acontece por acaso, mas é um reflexo dos discursos neoconservadores que perseguem a esquerda, as culturas, a criticidade e os sujeitos que não representam uma gramática normativa que é inteligível. Para além disso, esse discurso neoconservador acredita e deseja tornar verdade que crises econômicas advêm da corrupção moral e de uma crise de valores tradicionais que constituem a cultura. Assim, essas crises são aproveitadas para justificar que a sociedade ainda não é suficientemente neoliberal e neoconservadora e por essa razão (fantasiosa) acontecem as crises. Outra justificativa importante é que essas crises, ficcionalmente, seriam causadas por se tentar apagar um deus e/ou a natureza. Esse movimento neoconservador afirma que o indivíduo nasce homem ou mulher por que Deus e a natureza assim os fizeram. (Carvalho; Inocêncio, 2021).

Outro discurso que tem uma influência na construção de sentidos que criam categorias dicotômicas, excludentes e hierarquizadas acerca das identidades sexuais é o neoliberalismo. Este é compreendido enquanto uma vertente econômica que se caracteriza pela limitação da participação do Estado na economia por meio da privatização de empresas, serviços públicos, desregulamentação das leis trabalhistas e dos fundos públicos, o esvaziamento da participação dos cidadãos na política, a desvinculação do Estado nas políticas públicas, subordinação ao livre mercado econômico, o favorecimento de corporações multi e transnacionais, exportações e importações, bem como a limitação de gastos para o bem estar social, entre outros (Carvalho; Inocêncio, 2021).

Posto isso, o neoliberalismo e o neoconservadorismo constituem uma convergência perversa que engendra um projeto de sociedade construindo sentidos que regem uma gramática que é reproduzida pela escola e promove impactos nas pessoas cis-heterodissidentes. Entre as identidades impactadas está a bissexualidade. Esta é usada enquanto um termo guarda-chuva para denominar sujeitos que se atraem sexualmente e afetivamente por mais de um gênero, incluindo outras identidades como a pansexualidade, polisssexualidade e sexualidade fluida³ (Jaeger *et al*, 2019).

A bissexualidade sofre o chamado “apagamento bissexual”. Este se refere ao ato de ininteligibilidade dos corpos e existência bissexual perante o sistema da sociedade ocidental (Jaeger *et al*, 2019). Partindo disso, a revisão da literatura utilizou como palavras-chaves bissexualidade e bissexual tendo como acesso para o levantamento os periódicos das revistas Debates Insubmissos e Interritórios, ambas da Universidade Federal de Pernambuco. Como resultado obteve-se quatro estudos apenas na Revista Debates Insubmissos, mas desses só

³ Sexualidades que não se fixam em uma identidade, tendo a capacidade de sentir atração sexual e afetiva por mais de uma identidade de gênero

dois tinham a bissexualidade como foco central: 1) Experiências de bissexuais em psicoterapia: “cura bi”, discriminação e patologização do sofrimento social; 2) Bissexualidade e pansexualidade: identidades monodissidentes no contexto interiorano do Rio Grande do Sul.

Sendo assim, constatou-se que os estudos sobre a bissexualidade ainda estão caminhando no mapeamento do lugar dessa identidade no campo discursivo das disputas hegemônicas que se apresentam na educação. Por isso, ao se tomar como objeto de estudo: os discursos de docentes sobre a bissexualidade, tem-se como objetivo geral: compreender as disputas de produções de sentidos que são engendradas nos discursos de docentes de duas escolas públicas estaduais do Ensino Médio da cidade de Passira-PE em relação a bissexualidade. Partindo dessa percepção, os objetivos específicos são: a) Identificar as interdiscursividades nos discursos de docentes que cristalizam posições em relação a bissexualidade; b) Mapear discursos bifóbicos que apagam, silenciam e deslegitimam a bissexualidade; c) Elencar discursos que desestabilizam a cis-heteronormatividade⁴ e a monossexualidade⁵ através da visibilidade a bissexualidade.

O presente texto se divide nos seguintes tópicos: Introdução, categorias teóricas, metodologia, resultados e discussões e considerações finais. Na introdução são apresentados o foco do estudo e seu objetivo. Enquanto que, as categorias teóricas têm por títulos: 1) formação da identidade bissexual: aspectos discursivos e históricos; e 2) disputas hegemônicas nas produções de sentidos das identidades sexuais na educação. Nos tópicos é desenvolvido uma discussão teórica que sublinha uma compreensão acerca da identidade bissexual e as demais identidades sexuais que dentro do campo discursivo apresentam percepções que são carregadas ao longo da história e estão dentro de um campo de disputas de sentidos que vem desagendando e não reconhecendo os corpos, gêneros e sexualidades cis-heterodissidentes na educação.

Na metodologia são apresentadas a abordagem analítica, o campo de estudo e os participantes. As análises e discussões se dividem em três tópicos: 1) A interdiscursividade nas posições docentes: a presença da cis-heteronormatividade e do monossexismo na escola; 2) A bifobia através do apagamento da bissexualidade nas vivências e discussões do espaço escolar; 3) Desestabilizando a cis-heteronormatividade e monossexualidade: o

⁴ Entendida como o processo de reforçar continuamente a norma que articula sexo, gênero e desejo, funcionando como um mecanismo de regulação que sustenta a ordem heterossexual (Graupe; Pereira, 2016)

⁵ O termo monossexualidade é usado para se referir a sexualidade das pessoas que sentem atração por apenas um sexo e/ou gênero e a não monossexualidade, por sua vez, indica a sexualidade das pessoas que sentem atração por mais de um sexo e/ou gênero (Jeager *et al*, 2019, p. 7)

reconhecimento da necessidade de discutir a identidade bissexual na escola. Por fim, as considerações finais retomam o objetivo do estudo e perpassam o que pode ser observado a partir das análises realizadas.

1. FORMAÇÃO DA IDENTIDADE BISSEXUAL: ASPECTOS DISCURSIVOS E HISTÓRICOS

A vivência bissexual pode se apresentar na vida de todos os sujeitos enquanto estão no processo construtivo da identidade sexual a depender de sua liberdade como apresenta Gonzalez (2016):

A bissexualidade é vivenciada por todas as pessoas de acordo com suas necessidades, liberdades e instintos. Isso permanece oculto nas experiências de cada um. Apenas algumas pessoas buscam uma abordagem com ambos os sexos em algum momento de suas vidas, seja por curiosidade ou por outro motivo (González, 2016, p. 107-108)⁶.

Essa liberdade e busca que a bissexualidade proporciona aos sujeitos fragiliza a ideia cis-heteronormativa, mas também possibilita que a identidade bissexual seja lida ainda como uma experiência momentânea para sanar dúvidas e curiosidades. Isso ocorre, pois a bissexualidade por não fazer parte da monossexualidade (composta pelas identidades heterossexual e homossexual que são binárias) rompe com a categorização hegemônica que interpela os corpos. Ambas as identidades (heterossexualidade e homossexualidade) são colocadas como únicas e verdadeiras possibilidades de existências sexuais, mesmo diante de processos hierarquizados, o que implica no campo dos discursos conflitos na sociedade como afirma Jaeger *et al* (2019):

Considerada como ambivalente, a bissexualidade, quando não invisibilizada na cultura heteronormativa e binária, é vista como uma orientação sexual duvidosa e polêmica. Assim, frente ao par heterossexual/homossexual, a possibilidade de pluralizar o objeto de desejo tem produzido tensões e conflitos nos movimentos (Jaeger *et al*, 2019, p. 3).

Esses conflitos têm relação com a desestabilização da cultura sexual que é cis-heteronormativa e reforça diariamente uma homogeneidade na produção das identidades sexuais, logo, a bissexualidade não ocupa um espaço dentro desse sistema de categorização. O que ocorre, é que a bissexualidade se apresenta como um meio que constitui a

⁶ Tradução nossa. “la bissexualidad es vivida por todas personas de acuerdo con sus necesidades, libertades e instintos, esto permanece oculto en las experiencias de cada uno, solo algunas personas buscan un acercamiento a ambos sexos en algún momento de la vida sea por curiosidad o por otro motivo”

heterossexualidade que “[...] é concebida, por exemplo, como “natural”, “normal”, pressupondo que todos tenham uma inclinação para escolher, como objeto de desejo, alguém do sexo oposto” (Graupe; Pereira, 2016, p. 484).

Sendo assim, as identidades sexuais monodissidentes, como a bissexualidade, tornam-se o sujeito que é anormal e antinatural. Nesse contexto, a própria identidade bissexual é que possibilita a existência do heterossexual e homossexual, pois as constitui enquanto o lado bom e correto dessa relação que é binária (na heterossexualidade hierarquicamente superior à homossexualidade). Isso não ocorre por acaso. Essa construção discursiva que deslegitima, segrega e apaga a bissexualidade advém de movimentos anteriores que se apresentam no âmbito social ao longo de muitos anos como explicitada Jaeger *et. al* (2019):

[...] no Brasil, as pessoas que se entendiam como bissexuais eram vistas pelo movimento homossexual brasileiro como “enrustidas”, “dentro do armário” ou “em cima do muro”. A partir dos anos 1980, com o surgimento da AIDS, - a chamada “peste gay” – as pessoas bissexuais passaram a ser acusadas de fazerem a “ponte bissexual do HIV” entre o mundo homossexual e o mundo heterossexual (Jaeger *et. al*, 2019, p. 5).

A bissexualidade no país era entendida como uma estratégia adotada pelos homossexuais que não se aceitavam, ou seja, um disfarce, uma identidade transitória entre a heterossexualidade e homossexualidade que não se constitui como independente. Sua relação com as demais sexualidades se tornou mais polêmica devido ao HIV, abrindo portas para o estabelecimento de discursos bifóbicos que reforçam essa identidade enquanto perigosa para a existência das demais. Contudo, mesmo com essa percepção pejorativa da bissexualidade é importante destacar que ela apresenta outras lentes que González (2016) destaca:

[...] essa opção bissexual pode ocorrer sob três condições: (a) a transitória, na qual a pessoa está em transição da heterossexualidade para a homossexualidade e ocorre em um curto período de tempo; (b) a histórica, que o autor considera ser aquela que um ser humano vivencia como experiência ou fantasia com uma pessoa cujo sexo é contrário à sua orientação. Vale ressaltar que a pessoa pode ser heterossexual ou homossexual. Em relação à (c) categoria sequencial, isso ocorre quando uma pessoa mantém um relacionamento com uma pessoa de um sexo e, em seguida, com uma pessoa do outro sexo. O número desses relacionamentos varia, dependendo das necessidades da pessoa (González, 2016, p. 109)⁷.

⁷ Tradução nossa “esta opción bisexual se puede dar a través de tres condiciones (a) la transitoria, la cual la persona está pasando de la heterossexualidad a la homosexualidad y se da en un periodo corto de tiempo; (b) la histórica, la considera el autor como aquella que el ser humano realiza como una experiencia o fantasía con una persona cuyo sexo es contrario a su orientación, es de destacar que el ser puede ser heterossexual o homosexual. Con relación a (c) o categoría secuencial, es cuando una persona tiene relación con una persona de un sexo, y a continuación, con una del otro sexo, el número de estas relaciones variará, dependiendo de las necesidades de la persona”

Partindo dessas condições da bissexualidade, pode-se compreender que a dificuldade do reconhecimento dessa identidade sexual é equivocada e normativa, pois a sexualidade do ser humano em si é transitória e não fixa. Ou seja, uma pessoa, homossexual ou heterossexual, pode vivenciar uma experiência bissexual em algum momento ou se descobrir enquanto bissexual, mas não implica que isso é algo definitivo em sua vida. Contudo, esse conceito da sexualidade como algo mutável se torna invalidada dentro do sistema monossexista que Jaeger *et al* (2019) diz ser “[...] usado para se referir à crença social de que as monossexualidades (heterossexualidade, homossexualidades e lesbianidades) são superiores e mais legítimas do que as não monossexualidades (bissexualidades, pansexualidades, polisssexualidades e sexualidades fluídas)” (Jaeger *et. al*, 2019, p. 7).

Posto isso, a bissexualidade por romper com a monossexualidade é colocada como menos importante do que a heterossexualidade ou homossexualidade, o que evidencia o caráter hierárquico presente nas relações de gênero e sexualidade. Assim, “desta hierarquização das sexualidades se engendra uma identidade sexual que se promove em detrimento de outra, trazendo consequências sociais, culturais e políticas para esses sujeitos que estão dentro deste campo de abjeção” (Graupe; Pereira, 2016, p. 485).

Essa hierarquização molda a forma comportamental dos sujeitos, visto que, cada identidade sexual ocupará um lugar bom ou ruim a depender de sua aproximação com os aspectos que embasam a cis-heteronormatividade. Nesse caminho, tem-se uma linha verticalizada com a heterossexualidade ocupando hierarquicamente um lugar superior, enquanto que a homossexualidade, a bissexualidade e pansexualidade, respectivamente, cada uma dessas categorizações ocupam lugares inferiores em relação ao termo anterior nas interações sociais. Essa situação é evidenciada ao pensarmos na percepção que se tem dos/as monossexuais em comparação aos/as bissexuais uma vez que segundo Jaeger *et al* (2019):

[...] se pessoas bissexuais são vetores de doença, as monossexuais são “limpas”; se pessoas bi não são confiáveis, as monossexuais o são; se bissexuais são confusas, a certeza se localiza nas monossexuais e assim por diante. Tem-se aqui, então, a operação que faz com que as não monossexualidades – dentre elas, a bissexualidade - atuem como o “exterior constitutivo” da monossexualidade (Jaeger *et al*, 2019, p. 8).

É por isso que a bissexualidade ocupa ainda um lugar de exclusão em comparação às sexualidades monossexuais. Enquanto heterossexuais e homossexuais se constituem a partir de discursos que estão presentes ao longo da história que os coloca em uma posição complementar de pares dicotômicos, excludentes e hierarquizados

(heterossexualidade-homossexualidade), a bissexualidade não tem um lugar de inteligibilidade social seja por heterossexuais ou por homossexuais. Destaca-se que não podemos ignorar as violências sofridas pelos homossexuais, o que se evidencia é a sua melhor aceitação/inteligibilidade e como um exterior constitutivo da heterossexualidade em comparação com a bissexualidade.

Dessa maneira, é possível refletir e compreender as motivações que fazem com que a identidade bissexual tenha uma formação que lhe atribui um lugar de invisibilidade em meio às demais letras das identidades sexuais e como os discursos tiveram e ainda têm grandes impactos para que essa sexualidade não seja vivenciada plenamente por bissexuais. Vale ressaltar que as pessoas bissexuais vivem, de certa forma, num armário para não assumir publicamente seu desejo, uma vez que a heteronormatividade, diariamente, busca a eliminação dos elementos que constituem a identidade bissexual prejudicando sua formação.

2. DISPUTASHEGEMÔNICAS NAS PRODUÇÕES DE SENTIDOS DAS IDENTIDADES SEXUAIS NA EDUCAÇÃO

Segundo Judith Butler (2018, p. 44), “o gênero mostra ser performativo no interior do discurso herdado da metafísica da substância — isto é, constituinte da identidade que supostamente é”, ou seja, a identidade de gênero, bem como a sexualidade são atravessadas pelos discursos que estabelecem elementos performativos que constituem as identidades. Diante disso, as identidades sexuais são perpassadas pelos discursos que se apresentam socialmente e são reproduzidos dentro do espaço escolar. Isso não é por acaso. Esse contexto advém das disputas hegemônicas que estabelecem produções de sentidos na educação que promovem um desagendamento das identidades sexuais que são fortificadas pelo neoconservadorismo e o neoliberalismo, estabelecendo-se pelo discurso de pessoas como docentes, gestores e estudantes, bem como os documentos curriculares apresentados por Carvalho e Inocêncio (2021) ao dizerem que:

Acreditamos que muitas das ações de desagendamento possam se decantar nas escolas via pânico morais, barramentos curriculares e posições preconceituosas, violentas e fóbicas assumidas pelas atuações de educadoras/es e estudantes, ou, ainda, possam legitimar grupos hegemônicos no controle das vontades, desejos e pensamentos da população e na imposição de uma verdade única, padronizante dos corpos, gêneros e sexualidades (Carvalho; Inocêncio, 2021, p. 242-243).

A hegemonia dos corpos, gêneros e sexualidades, por meio da cis-heteronormatividade dificulta problematizações e desconstruções sobre a monodissidência para e pelos/as professores/as, uma vez que documentos oficiais, como a BNCC (2018) ou o PNE (2014), reproduzem uma gramática em que as identidades estão em uma hierarquia como afirma Junqueira (2009):

Temos visto consolidar-se uma visão segundo a qual a escola não apenas transmite ou constrói conhecimento, mas o faz reproduzindo padrões sociais, perpetuando concepções, valores e clivagens sociais, fabricando sujeitos (seus corpos e suas identidades), legitimando relações de poder, hierarquias e processos de acumulação. Dar-se conta de que o campo da educação se constituiu historicamente como um espaço disciplinador e normalizador é um passo decisivo para se caminhar rumo à desestabilização de suas lógicas e compromissos (Junqueira, 2009, p. 14).

Apesar da escola ser esse espaço que impõe um grupo como legítimo por meio dessa hierarquização, a possibilidade de evidenciar essa gramática de exclusões permite a sua desestabilização e ou desconstrução. A desestabilização se promove através do reconhecimento das fobias que estão na escola e são enfrentadas pelas identidades homossexuais e bissexuais diariamente. Sendo assim, a escola é um ambiente que produz um padrão identitário, uma normatividade, mas também é um lugar que pode apresentar desconstrução como trazem Graupe e Pereira (2016):

[...] é importante problematizar a ideia de que a escola normatiza, “fabrica” sujeitos, reproduz preconceitos, estereótipos e estimula valores sexistas, racistas e heterossexuais no cotidiano escolar, mas, por outro lado, ela pode apontar espaços e possibilidades para a desconstrução de valores, percepções ou comportamentos como fobias, ideias preconceituosas e práticas de discriminação em relação à sujeitos que são considerados como “diferentes”, pois ser diferente não significa ser anormal (Graupe; Pereira, 2016, p. 483).

Nesse contexto, professores concursados, com o apoio da gestão, subvertem os sentidos hegemônicos nas escolas e conseguem, em uma certa medida, desestabilizar padrões cis-heteronormativos, pois a escola atende a uma variedade de identidades masculinas e femininas dentre outras possíveis. Contudo, é importante destacar que a educação tem sido influenciada pela política neoliberal e neoconservadora ao tratar das identidades corporais, de gêneros e sexuais.

Assim, programas de governo com suas políticas educacionais e seus materiais didáticos tentaram combater a LGBTfobia, mas foram impedidos por um Congresso com políticos fundamentalistas, como por exemplo o material didático do Caderno Escola sem Homofobia. Nessa perspectiva, o referido material didático “foi suspenso pela presidenta

Dilma Rousseff no ano de 2011 devido à pressão e resistência de forças políticas conservadoras do Legislativo brasileiro (Graupe e Pereira, 2016, p. 488)

Esse fato ocorrido revela o poder do discurso neoconservador que está presente nos vários espaços e reforça a cis-heteronormatividade nos âmbitos sociais como com a instituição escolar. Diante disso, a possibilidade de desestabilização desses sentidos fundamentalistas se torna mais difícil, uma vez que foi enunciado discursos que (re)produziram sentidos e deturparam o Caderno Escola Sem Homofobia, produzindo o sentido do “Kit gay”. Dessa maneira, o “Kit Gay” ganha os sentidos de um conjunto que ensinava sobre sexo e transformaria as crianças em homossexuais. Essa produção de saber-poder causou dificuldades para futuras discussões em relação as identidades sexuais além de restringir a possibilidade de diminuição das exclusões, desigualdades, violências e silenciamentos como explicitam Carvalho e Inocêncio (2021):

Desde o surgimento da expressão “Kit Gay”, as ações emancipatórias para os corpos, processos identitários de sexualidade e de gênero e as discussões sobre esses mesmos assuntos passaram a ser demonizadas com maior facilidade em boa parte do tecido social; essa também foi a porta de abertura para que as ações dos novos governos se fragilizam quanto ao enfrentamento da ignorância e da violência sexista (Carvalho; Inocêncio. 2021, p. 250).

Nesse caminho, o material Escola sem Homofobia, categorizado na mídia pejorativamente, vem na esteira de um recrudescimento perverso neoliberal e neoconservador no Brasil, nas Américas e na Europa via controles discursivos que reforçam as dicotomias, hierarquizadas e excludentes. Um exemplo de movimento que apresenta essa ideia é o Bolsonarismo que Carvalho e Inocêncio (2021) explicitam como:

[...] uma releitura da nova direita americana baseada em controles discursivos morais pautados pela ideia de um inimigo em comum. Isso cria uma dualidade entre bem *versus* mal, cidadãos do bem *versus* comunistas, sexualidade comportada *versus* sexualidade dissidente, mulheres “belas, recatadas e do lar” *versus* feministas e vários outros efeitos de identificação em torno de um líder erigido como salvador da pátria ou em torno de forças sociais autoritárias (Carvalho; Inocêncio, 2021, p. 242).

Diante disso, vemos como as disputas hegemônicas no campo discursivo se estabelecem por essa relação binária, na qual um lado está sempre à mercê do outro. Assim, a escola é atravessada por essa gramática cis-heterossexual que também acontecem no campo político, reproduzindo identidades hegemônicas e que ficcionalmente, acham que representam a realidade das identidades sexuais no espaço educacional. Esse contexto nos instiga a pensar sobre os corpos que são impossibilitados de existirem tanto na escola como no social.

3. CAMINHO METODOLÓGICO

O estudo é de natureza qualitativa por ter como foco os sentidos engendrados nos discursos de docentes de escolas de referência do ensino médio em relação à bissexualidade por meio da análise do discurso foucaultiana. A escolha de utilização dessa abordagem analítica se dá porque para Foucault (1999):

Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso - como a psicanálise nos mostrou - não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; e, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que - isto a história não cessa de nos ensinar - o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar (Foucault, 1999, p. 10).

O discurso leva em si valores, ideias, desejos, o que se quer enquanto verdade dominadora da realidade. Ou seja, o poder e o discurso são materializados pelo saber-poder. Estes se relacionam diariamente, estando sempre em uma disputa por identidades e espaços, os quais estão perpetuados pelos discursos que são apresentados pelos indivíduos que vivem, trabalham ou passam nos ambientes. Segundo Rosa Fischer (2001):

Para Foucault, nada há por trás das cortinas, nem sob o chão que pisamos. Há enunciados e relações que o próprio discurso põe em funcionamento. Analisar o discurso seria dar conta exatamente disso: de relações históricas, de práticas muito concretas, que estão “vivas” nos discursos (Fischer, 2001, p. 198-199).

Partindo desse contexto, o discurso se constitui pela prática ao longo da história que se estabelece nas relações sociais. Posto isso, o campo de estudo para a realização da pesquisa foram as duas escolas de referência da área urbana da cidade de Passira/PE. A escolha por essas instituições justifica-se pelo fato de serem as únicas escolas de referência situadas na área urbana da cidade, abrangendo, portanto, o maior número de estudantes.

Na primeira escola, denominada de Escola A, foram realizadas entrevistas com 2 docentes (uma professora de 29 anos com 6 anos de exercício profissional e um professor de 38 anos com 7 anos de exercício profissional) ambos são enumerados respectivamente de Professora 1 e Professor 2. Na segunda escola, nomeada de Escola B, foram realizadas entrevistas com 2 docentes (uma professora de 26 anos com 4 anos de exercício na docência e um professor de 29 anos com 10 anos de experiência docente), sendo denominados de:

Professora 3 e Professor 4. Nesse contexto totalizamos 4 entrevistados/as que apresentam uma média de exercício docente entre 6 e 7 anos.

Os/as docentes entrevistados/as são profissionais efetivos/as da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco e são da área de Ciências Humanas. A análise dos dados buscou responder aos objetivos específicos que são: a) Identificar as interdiscursividades nos discursos de docentes que cristalizam sentidos sobre posições de sujeito em relação à monodissidência bissexual em escolas públicas estaduais de Ensino Médio do agreste pernambucano; b) Mapear discursos bifóbicos que apagam, silenciam e deslegitimam a bissexualidade nas referidas escolas; c) Elencar discursos que desestabilizam a cis-heteronormatividade e a monossexualidade através da visibilidade a bissexualidade. O instrumento para produção de dados utilizado foi a entrevista semiestruturada que, de acordo com Minayo (2007, p. 64), “[...] combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada”. A escolha por esse procedimento se dá pela possibilidade dos participantes poderem falar sobre a temática de forma mais livre, mas ainda sem escapar do que está sendo investigado, bem como de se ter um contato direto com os participantes, o que possibilita uma melhor compreensão sobre os espaços que estão inseridos e informações fornecidas ao longo da entrevista.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados e discussões estão separados em três tópicos para trabalhar de forma mais focada cada um dos objetivos específicos postos no estudo. Sendo assim, os tópicos presentes são: 1) A interdiscursividade nas posições docentes: a presença da cis-heteronormatividade e monossexismo na escola; 2) A bifobia através do apagamento da bissexualidade nas vivências e discussões do espaço escolar; 3) Desestabilizando a cis-heteronormatividade e monossexualidade: o reconhecimento da necessidade de discutir a identidade bissexual na escola

O primeiro tópico destaca a interdiscursividade heterossexual e monossexista que se apresenta no espaço escolar a partir dos discursos dos/das docentes que enunciam os efeitos advindos da ordem cis-heteronormativa. O segundo tópico aborda a falta de presença da bissexualidade nas discussões e nas próprias instituições escolares, sendo uma forma bifóbica de apagamento, silenciamento e não reconhecimento, que se estabelece pelo neoconservadorismo e ganha materialidade também no núcleo familiar cis-heterossexual de

alguns estudantes através de docentes que são influenciados/as por religiões fundamentalistas. O terceiro e último tópico trata acerca do reconhecimento da identidade bissexual pelos/as docentes entrevistados/as para promover uma orientação aos estudantes que tem práticas que são categorizadas s como bissexuais, mas não se entendem como tais ou utilizam a identidade bissexual em outro sentido.

4.1 A interdiscursividade nas posições docentes: a presença da cis-heteronormatividade e do monossexismo na escola

Neste tópico, buscou-se desenvolver o primeiro objetivo específico: identificar as interdiscursividades nos discursos docentes que cristalizam posições em relação a identidade bissexual. Sendo assim, os discursos apresentam relações entre si gerando um interdiscurso que Fischer (2001) destaca afirmando que “em outras palavras, considerar a interdiscursividade significa deixar que afluam as contradições, as diferenças, inclusive os apagamentos, os esquecimentos; enfim, significa deixar aflorar a heterogeneidade que subjaz a todo discurso” (Fischer, 2001, 212). Nesse contexto, tomamos enquanto foco o interdiscurso, pois ele é composto de diversos discursos heterogêneos e constituem uma rede de relações que reafirmam a monossexualidade e a cis-heterossexualidade como “naturais”.

Além disso, Foucault (1999) supõe:

[...] que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (Foucault, 1999, p. 8-9).

O discurso, sendo assim, estabelece-se objetivando o controle, o que ocorre por meio do interdiscurso que na temática dos corpos, gêneros e sexualidades afirma tanto a monossexualidade como a cis-heterossexualidade como “naturais” e “normais. Isso materializa posições de sujeitos que excluem e apagam a identidade bissexual. Partindo dessa percepção, o interdiscurso se manifestou em um dos entrevistados por meio de uma fundamentação discursiva que articulou essência e binariedade. Essa articulação colocou a bissexualidade como uma forma de indecisão, como demonstra a resposta da Professora 3:

Porque, assim, se você é, como o pessoal fala, se você é sapatão, você nasceu, se você é gay, você nasceu, mas homossexual é como se a pessoa fosse indecisa, desculpe, quis dizer que bissexual é como se a pessoa fosse indecisa. Como se fosse, ah, corta dos dois lados. Ah, o que vem, pega [...] (Professora 3).

Desse modo, a compreensão da bissexualidade como indecisão, derivada de um interdiscurso de base essencialista e binária, reforça sua representação como um processo de transição, conforme a noção de bissexualidade transitória apresentada por González (2016):

O comportamento bissexual também é encontrado em alguns indivíduos sem a verdadeira orientação; são casos de comportamento transitório, seja por situações de isolamento das possibilidades heterossexuais ou em casos em que se está em transição de uma vida homossexual para sua verdadeira orientação heterossexual ou vice-versa (González, 2016, p. 107)⁸.

Essa ideia de transição é legitimada pela lógica da monossexualidade e pela cis-heteronormatividade, uma vez que posiciona a bissexualidade como um momento passageiro e, portanto, inferior às identidades “fixas” que são a heterossexualidade e a homossexualidade. Estas são sustentadas por um fundamento essencialista. Nesse contexto, a Professora 3, ao tratar as identidades monossexuais como essências, desconsiderou seu caráter de construção social, contrariando o que afirma Butler (2018):

Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são performativos, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. O fato de o corpo gênero ser marcado pelo performativo sugere que ele não tem status ontológico separado dos vários atos que constituem sua realidade (Butler, 2018, p. 182).

Partindo dessa perspectiva, compreende-se que a performatividade atravessa os corpos, de modo que as identidades sexuais e/ou de gênero não possuem uma essência, mas se constituem por meio de ações reiteradas, sustentadas pelos significados e discursos que as atravessam. Ainda assim, a concepção da sexualidade como algo ontológico e da bissexualidade como indecisão, derivada dessa formação discursiva essencialista e binária, também se manifestou na fala do Professor 4, ao afirmar que:

Mas eu entendo dessa forma, que é gosto. Eu acho que... Vamos lá, não tem como um ambiente traçar um comportamento em cima de uma pessoa. Eu acho que a pessoa já nasce dessa forma, né? Gosto, né? [...] a bissexualidade é entendida como uma condição de indecisão, já que não gosta nem de homem e nem de mulher, mas dos dois. Ainda sim, tentamos respeitar e fortalecer a vivência (Professor 4).

O Professor 4 também reproduziu um discurso que evidenciou a fundamentação essencialista e binária, a qual sustenta uma concepção ficcional de que as identidades sexuais não são construídas, mas ontológicas. Tal concepção reforça o monossexismo ao compreender

⁸ Tradução nossa. “También se encuentra en algunos individuos una conducta bisexual sin la verdadera orientación, son los casos de comportamiento transitorio, bien sea por situaciones de aislamiento de las posibilidades heterossexuales o en los casos en los que se está en tránsito de una vida homosexual a su verdadera orientación heterossexual o viceversa”

a sexualidade como algo imune às influências socioculturais, ou seja, como uma característica definitiva do sujeito. Além disso, o discurso binário associa a bissexualidade à indecisão, estabelecendo uma hierarquização das sexualidades que posiciona as identidades “fixas” acima das demais, contribuindo, assim, para a manutenção da cis-heteronormatividade. Esta, de acordo com Graupe e Pereira (2016):

[...] se constitui na regulação do gênero como forma de manter a ordem [cis-]heterossexual. Ou seja, as práticas sexuais ditas não normais colocam em xeque a estabilidade do gênero na definição do que é ou não «normal» e por isso possível, em termos da sexualidade e de uma vida inteligível (Graupe e Pereira, 2016, p. 488).

Nesse sentido, observa-se que a sexualidade é limitada em função da necessidade de manutenção da estabilidade da cis-heteronormatividade. No discurso da Professora 1, a sexualidade foi concebida por meio de um interdiscurso que articulou formações discursivas de base biológica e sociológica, especialmente ao rememorar sua formação escolar no Ensino Médio:

Durante o meu ensino médio era discutido as questões que envolviam as sexualidades de maneira geral. Isso era tanto nas aulas de Biologia com temas como o corpo e desenvolvimento dos órgãos sexuais, como nas aulas de Filosofia e Sociologia através dos movimentos que os grupos minoritários estavam presentes, buscando pelos seus direitos como cidadãos. O professor era uma pessoa muito instruída, fazia parte do movimento LGBT. E assim, os debates dele eram muito coerentes com sua visão que era muito aberta sobre as coisas. Ele esclareceu muita coisa, tanto sobre religião como sobre sexualidade [...] Hoje eu tenho uma compreensão de que a bissexualidade e outras sexualidades tem fortes relações com o biológico, mas indo para além do corpo em desenvolvimento. Por exemplo, o desenvolvimento dos corpos a partir do pensamento sociológico nos fazem pensar como o bissexual, homossexual e o heterossexual tem uma interferência no seu corpo nessa sociedade machista e patriarcal (Professora 1).

O interdiscurso da Professora 1 revelou uma posição docente que, ao articular os discursos biológico e filosófico/sociológico, compreendeu a identidade bissexual e as demais como performativas, uma vez que destacou a influência do meio social sobre o corpo. Tal perspectiva evidencia como a cis-heteronormatividade e a monossexualidade são sustentadas por uma categorização gramatical dicotômica, que mantém hierarquias tanto dentro quanto fora do espaço escolar, por meio de discursos reguladores e produtores de identidades e corpos. Contudo, essa lógica pode ser desestabilizada por meio de uma abordagem interdisciplinar, como propôs a própria Professora 1, ao articular a compreensão do corpo biológico com o contexto social em que está inserido para pensar a sexualidade.

Posto isso, o Professor 2 apresentou um interdiscurso que também evidencia um vínculo entre o biológico e o sociológico:

A gente percebe que muitos estudantes não se consideram bissexuais, mas observa-se, até pelas atitudes deles ao se relacionarem com meninos e meninas, que a questão da bissexualidade hoje está se tornando algo mais normativo entre os adolescentes, e o tabu em torno disso está diminuindo. Eu acredito que isso tem a ver com a relação que os estudantes estabelecem entre o corpo, do ponto de vista biológico, e o social, por meio da cultura. Isso faz com que, muitas vezes, eles não se reconheçam, por não corresponderem ao padrão, embora vivenciem experiências vinculadas ao desejo do corpo, que é sócio-histórico. E isso tem muito a ver com o que observamos nas discussões sociológicas, especialmente ao pensarmos nos movimentos sociais (Professor 2)

O Professor 2 evidenciou um interdiscurso que articula perspectivas biológicas e sociológicas, relacionando o corpo às dinâmicas produzidas pelos movimentos sociais. Tal compreensão demonstrou que o corpo é político, constituindo-se como expressão de vivências e experiências, além de possuir um potencial transformador. Essa dimensão política se manifestou e se manifesta nos ambientes frequentados, nos espaços ocupados, nas vestimentas e nos acessórios utilizados, os quais comunicam discursos que circulam no campo das ideias e materializam performances. Essas performatividades, por sua vez, podem dificultar a compreensão de desejos considerados proibidos ou inadequados aos olhos de quem se encontra inserido na lógica cis-heteronormativa e monossexista.

Sendo assim, é possível perceber como os discursos das/os docentes evidenciaram um interdiscurso que no espaço escolar fortaleceu a cis-heteronormatividade e a monossexualidade ao enunciarem a bissexualidade enquanto indecisa por meio de uma fundamentação discursiva essencialista e binária, mas também desestabilizadora, ao incluir docentes que articulam o biológico ao sociológico.

Nesse contexto, as monossexualidades, supostamente, ontológicas, não mutáveis e as violências verbais sofridas pelas pessoas heterodissidentes são reforçadas via uma inteligibilidade essencialista e binária, mas que também pode ser rompida a partir da compreensão de que os corpos não se reduzem aos seus órgãos genitais, sendo, ao contrário, constituídos e atravessados por dimensões sociais e culturais. Partindo disso, são cristalizadas posições de sujeitos que apesar de reconhecerem essas questões e seus limites não conseguem impedir que a identidade bissexual e outras identidades que excedem as dicotômicas, excludentes e hierárquicas não sejam reconhecidas no espaço escolar.

O contexto acima se estabelece em razão das próprias disputas de sentidos que se manifestaram entre os/as docentes, os quais apresentam formações discursivas heterogêneas

que colocam em xeque a estabilidade da ordem cis-heteronormativa. Enquanto alguns discursos a reforçaram, outros a desestabilizaram. Diante disso, o tópico seguinte abordará reflexões acerca das violências sofridas pela identidade bissexual em decorrência de sua ausência nos discursos e nas discussões do espaço escolar, ausência esta que resulta das disputas hegemônicas que atravessam o campo educacional.

4.2 A bifobia através do apagamento da bissexualidade nas vivências e discussões do espaço escolar

Neste tópico, buscou-se desenvolver o segundo objetivo específico: mapear discursos bifóbicos que apagam, silenciam e deslegitimam a bissexualidade. As violências contra as diversas identidades sexuais apresentam especificidades que não são lidas através do termo homofobia. Essa limitação faz com que as nomeações, esquecimentos e deslegitimação relativas aos apagamentos e às invisibilidades e às exclusões dadas às sexualidades, sobretudo como a bissexualidade, necessitem de um termo próprio, ou seja, a bifobia. Este termo “[...] está relacionado ao processo de invisibilização e deslegitimação das experiências bissexuais, sendo usado para descrever reações negativas de pessoas heterossexuais, lésbicas e gays em relação às bissexualidades” (Jaeger *et. al*, 2019, p. 6).

Posto isso, a bissexualidade nas discussões no espaço escolar acaba sendo inexistente, visto que, ao perguntarmos para os/as docentes se era uma temática que se apresentava na escola, nas aulas ou por meio de conversas informais dos próprios estudantes obtivemos os seguintes discursos:

É, nas minhas aulas, até então, surgiram outras questões com relação a relações amorosas e afetivas, a transexualidade, mas com relação à bissexualidade, nas minhas aulas, aqui na escola, nunca (Professora 1).

[...] a escola, pelo menos aqui, ela tenta ser neutra, não se fala muito nessa questão. Não só da bissexualidade, mas da sexualidade em geral. [...] eu acho que o que falta é tempo para trabalhar com a temática mesmo. As demandas da escola são demasiadamente grandes (Professor 2).

Em relação a algum projeto, alguma coisa, eu não me acordo de ter sido abordada essa temática aqui na escola não (Professora 3).

Não se debate não. A gente entende como uma condição do indivíduo. Tem que ser respeitado e a gente tenta fortalecer isso (Professor 4).

Assim, vemos como o espaço escolar não apresenta a preocupação em discutir acerca das identidades sexuais, como no caso da bissexualidade, o que também é materializado na ausência dessa temática em documentos oficiais que regem o currículo escolar. Posto isso, como apresentam Graupe e Pereira (2016, p. 483), “a escola, o currículo (...) são fatores determinantes na construção das diferenças e das identidades de gênero e sexuais dos jovens adolescentes”.

Vale ressaltar que o currículo, também como disputas de sentidos via enunciados e discursos, tem um impacto direto na construção das identidades sexuais de adolescentes, que passam a maior parte do dia na escola. Logo, ao se ter o desagendamento das temáticas de gênero e sexualidade, impossibilita-se ou dificulta que a escola possa contribuir para a construção de outras subjetividades da identidade sexual, de respeito e aprendizado com as diferenças. Além disso, a falta de abordar a temática da bissexualidade é reforçada devido ao neoconservadorismo que vem ganhando espaço como uma reação às conquistas dos direitos sexuais e reprodutivos no Estado, em nossa sociedade e nas famílias. Nessa direção, seguem os discursos da Professora 1 e do Professor 4:

[...] eu particularmente tenho esse receio por parte da família, sabe? Por morar em uma cidade de interior, os alunos que chegam aqui, hoje da zona rural principalmente, geralmente, vêm de uma região em que o patriarcado machismo está muito enraizado na mente (Professora 1).

[...] educar o jovem do ponto de vista sexual seria maravilhoso. Porém, a gente esbarra em dificuldades, principalmente com relação aos pais. A gente já teve casos aqui de pais que chegam e vão questionar mesmo: “meu filho está andando muito com fulana”, “minha filha está andando muito com fulano”, vice-versa e tal. Aí a gente fica, “mas, por que a senhora ou o senhor está criticando o fato de seu filho está andando com tal estudante? Não tem problema”. E a gente percebe que aquele pai não está dizendo para gente que está errado aquele menino estar andando com homossexual, mas dentro dele ele está querendo dizer isso (Professor 4).

A dificuldade dos pais dos/as estudantes em aceitar as relações de amizade entre seus/suas filhos/as que são categorizados como cis-heterossexuais e monossexuais com os/as que não o são advém da cis-heterossexualidade normativa que, segundo Graupe e Pereira (2016)

[...] na perspectiva da sociedade contemporânea é concebida, por exemplo, como “natural”, “normal”, pressupondo que todos tenham uma inclinação para escolher, como objeto de desejo, alguém do sexo oposto. Consequentemente, todas as outras formas de sexualidade são consideradas antinaturais, anormais (Graupe e Pereira, 2016, p. 484).

Por meio dessa gramática cis-heterossexual, as demais sexualidades anormais e antinaturais se firmam nas relações escolares. Dessa maneira, a possibilidade de relações de companheirismo entre heterossexuais e demais identidades sexuais são vistas como prejudiciais para o grupo (“sadio” da cis-heterossexualidade). Isto é, como se fosse uma ameaça ou doença que pode corromper os corpos que são considerados ideais de terem sua sexualidade explorada (a heterossexual).

Outra questão que se apresenta para que a bissexualidade e outras identidades sexuais não sejam trabalhadas vem da inteligibilidade preconceituosa de alguns docentes, como destacado por Junqueira (2009, p. 15): “a escola configura-se um lugar de opressão, discriminação e preconceitos, no qual e em torno do qual existe um preocupante quadro de violência a que estão submetidos milhões de jovens e adultos LGBT [...]”. Sendo assim, a opressão e o preconceito acabam sendo evidenciados via enunciados e discursos enquanto uma realidade construída e reproduzida por parte de alguns docentes como é trazido pela Professora 1 e pelo Professor 4:

Às vezes, eu observo alguns discursos que os próprios professores não apoiam que essa temática seja trabalhada (Professora 1).

É difícil. Sem falar no preconceito que habita em alguns profissionais também (Professor 4).

Os/as docentes, ao terem esse preconceito bifóbico ou LGBTfóbico, promovem a reafirmação da monossexualidade e da cis-heteronormatividade que também é fortalecido, por vezes, pelo viés religioso, geralmente, vinculado a um fundamentalismo religioso. Nesse caminho, o discurso do Professor 4 enunciou, ao ser questionado sobre as vantagens ou desafios de trabalhar a bissexualidade e demais identidades sexuais no espaço escolar:

Religião também pesa. Muito, muito, muito mesmo. Então, a gente tem uma sociedade hoje que é crescente, o número de evangélicos. E, de certo modo, não é que eu esteja criticando evangélicos, mas é o pessoal mais insistente, é o pessoal que tem um posicionamento um pouquinho mais firme. E, à medida que a gente vai debater algumas questões, a gente já percebe que não dá para avançar muito (Professor 4).

Levando em conta o que foi enunciado, o neoconservadorismo acaba criando posicionamentos que recriam e reafirmam a cis-heteronormatividade e/ou a cis-heterossexualidade. Ou seja, os corpos cis-heterossexuais são superiores aos demais. Contudo, invalida a possibilidade de que seja reconhecido e problematizada a existência de exclusões corporais, sexuais, dentre outras:

No neoconservadorismo, portanto, as diferenças de classe, etnia, gênero, cor, pertencimento cultural, privilégios ou acessibilidades sociais são sempre tidas como inatas, porém acionadas para se manter uma ordem hierárquica sem a qual os poderes dominantes (o patriarcado – o colonialismo – o capitalismo, por exemplo) não se manteriam e não se reproduziriam nas estruturas sociais (Carvalho e Inocêncio, 2021, p. 241).

Dessa maneira, a heterossexualidade foi e é categorizada como, supostamente, a “natural”, a “sadia”, a “não pecaminosa” etc., que estabeleceu um lugar hierarquicamente superior em relação à bissexualidade que rompe com a ideia binária de atração sexual por um gênero. Essa hierarquização promoveu e promove violências (falta de presença nas aulas, eventos escolares, discussões entre docentes e estudantes etc.) que se estabelecem por vários motivos. Esses motivos são justificados na culpabilização de estudantes. Eles passam de vítimas para culpados, e/ou por alguns docentes e/ou por religiões fundamentalistas.

Durante a entrevista, a Professora 3 apresentou, em seu discurso, que algumas relações entre pessoas heterossexual e homossexuais e/ou bissexuais, que de certo modo, desestabilizam a ordem do discurso cis-heterossexual enfrentam um preconceito:

Eu tinha uma amiga de infância, por exemplo, que a gente estudou todo o Fundamental junto, estudou Ensino Médio e como a gente vivia muito tempo grudado começaram a falar que a gente era um casal homoafetivo. Inclusive, foram pessoas da minha própria família, quando na verdade era só uma amizade. (...) também teve uma amiga que eu fiz aqui, que ela era, né? E ela defendia com unhas e dentes que ela era, que ela não gostava de homem, mas, depois, ela estava namorando com um menino. E ela passou uns dois anos e ela se descobriu depois, né? Então, ela era bissexual. Eu tive também uma grande amizade com ela e o pessoal falava também por causa disso (Professora 3).

Dessa maneira, é possível notar que a cis-heterossexualidade acabou restringindo que heterossexuais e homossexuais e ou bissexuais possam se aproximar sem que essa aproximação não seja interpretadas como uma relação homoafetiva. Vale ressaltar que essas restrições e exclusões possibilitam algum tipo de violência ao mesmo tempo em que reforçam a categorização de que as pessoas só podem se relacionar entre as pessoas monossexuais (heterossexuais e homossexuais). Essa categorização essencialista foi evidenciada no discurso do Professor 4:

Se o estudante tiver um padrão dito como normal, se for um estudante hétero, eu não consigo enxergar nenhum tipo de dificuldade para ele. Assim, o desenvolvimento geral dele, dentro da escola, fora dela, é tido na sociedade como um cidadão de bem. Ele não tem obstáculos, não tem dificuldade nenhuma. Porém, se esse estudante manifestar algum tipo de comportamento que fuja, entre aspas, daquilo que a gente considera normal, a gente não, a sociedade, de modo geral, considera como normal, [então] esse estudante já

chega na escola, entre aspas, também, com uma coisinha chamada fama. Fulano, parece que é... Fulana, tem um gosto diferente... (Professor 4).

Essa “fama” evidencia a violência que as pessoas que desestabilizam a ordem cis-heterossexual e monossexista sofrem no espaço escolar, o que demonstra que “[...] a falta de solidariedade por parte de profissionais, da instituição e da comunidade escolar diante das mais corriqueiras cenas de assédio moral contra estudantes LGBT pode produzir ulteriores efeitos nos agressores e nos seus cúmplices” (Junqueira, 2009, p. 27).

O que se destaca é como as relações escolares representam e refletem a sociedade, logo, pensar sobre as violências advindas da (má) “fama” que um estudante tem por conta de sua sexualidade remete aos efeitos que a cis-heterossexualidade e a monossexualidade trazem na vida das pessoas que desestabilizam o perfil heterossexual ou monossexual que é imposto e se apresenta no interdiscurso. Mas, apesar da referida inteligibilidade e sua produção de sentidos, no próximo tópico, será observado uma desestabilização da ordem hierárquica que é promovida pela cis-heteronormatividade através do reconhecimento da identidade bissexual por parte dos enunciados e discursos de docentes.

4.3 Desestabilizando a cis-heteronormatividade e monossexualidade: o reconhecimento da necessidade de discutir a identidade bissexual na escola

Neste tópico, procurou-se desenvolver o terceiro objetivo específico: elencar discursos que desestabilizam a cis-heteronormatividade e a monossexualidade através da visibilidade a bissexualidade. Partindo desse interim, as escolas apesar de apresentarem em sua realidade a interferência da monossexualidade, da cis-heteronormatividade e da cis-heterossexualidade, ainda há docentes que, tentam promover uma resistência aos mecanismos que são instaurados por meio do discurso neoconservador e neoliberal. Isto ocorre através do reconhecendo da identidade bissexual no espaço, demonstrando considerar necessário que a temática da sexualidade e orientações sobre a identidade bissexual sejam abordadas e trabalhadas ao longo da trajetória escolar dos adolescentes que estão no Ensino Médio. Essa resistência ao neoconservadorismo e neoliberalismo foi evidenciada pelos/as docentes que disseram:

Literalmente, a gente vê os meninos se abraçando mais, a gente vê que tem meninos e meninas que fazem carícias e eles não se enquadram no perfil deles como sendo bissexual, mas alguns deles dizem que... usam até o termo assim “eu sou bifestinha”, bifestinha é quando vai para uma festa e fica com meninos e meninas. Aí, na minha vivência, na minha experiência, eu considero como se isso aí fosse um aspecto da bissexualidade (Professor 2)

[...] eu, como professora, já fiquei incumbida dessa parte da educação sexual e da sexualidade, já que os estudantes muitas vezes não têm abertura em suas casas. Por isso, busco alertá-los para os riscos de ISTs, para o conhecimento do próprio corpo e para o entendimento de sua sexualidade quando essa demanda aparece, mostrando como isso pode refletir na pessoa que eles se tornarão quando adultos. A questão é que percebo que os adolescentes não falam sobre a bissexualidade com a gente e, às vezes, nem sabem da sua existência, embora apresentem práticas que podem ser consideradas bissexuais (Professora 3).

Os/as docentes reconhecem a existência da identidade bissexual nas escolas que trabalham mesmo que seus estudantes não se reconheçam nessas identidades apesar de terem práticas homoafetivas. Talvez esses/as estudantes consigam exceder as categorizações materializadas na sociedade ao mesmo tempo em que reproduzem, de alguma maneira, certas inteligibilidades hegemônicas. Nesse aspecto, Junqueira (2009) afirma que:

Não por acaso, dependendo, por exemplo, de como se delineiam as possibilidades de reconhecimento (entendido como aceitação e auto-aceitação) das diversas orientações sexuais e identidades de gênero, jovens e adolescentes poderão preferir atribuir-se ora uma ora outra identidade, inventar outras, recusar todas, ou aprofundar-se em um angustioso silêncio. Não surpreende que muitos poderão autodesignar-se “heterossexuais” mesmo quando mantiverem quase somente relações homoeróticas (Junqueira, 2009, p. 33)

Essa ausência de reconhecimento pode ser comprometida e direcionada para outras condensações de sentidos hierarquicamente inferiores em decorrência da ausência da temática das diversidades sexuais não serem abordadas no currículo da escola. Essa ausência/falta pode (re)produzir outras posições de sujeitos. Porém, como os discursos e seus enunciados não têm como serem controlados, suas interpretações também não o são. Essa possibilidade de escape dos sentidos hegemônicos pode contribuir para outros sentidos serem produzidos e materializados ou, diante de uma desinformação/ausência de temas da diversidade sexual, haver a (re)produção das categorias dicotômicas, excludentes e hierarquizadas como enuncia a Professora 1:

[...] é importante levar informação para esses alunos, porque já aconteceu a situação de um aluno meu ou um aluno da minha colega dizer que é bissexual, sem saber nem o que é bissexualidade. Então, assim, levar informação para que eles consigam entender o que está acontecendo com eles, saberem diferenciar as coisas, não só de Biologia, mas como Biologia está tratando a questão de observar a mudança no corpo humano, pode auxiliar mais numa aula de Filosofia ou até deixar para o professor (Professora 1).

A Professora 1 destacou que as aulas de biologia e filosofia como meio para trabalhar a questão da orientação sobre bissexualidade e outras identidades sexuais, ou seja, ir para além só da leitura dos corpos a partir do viés biológico e pensar através da filosofia e da sociologia a sexualidade e sua relação com o social. A falta de orientação acerca das sexualidades é estabelecida por meio dos sentidos hegemônicos neoconservadores, ontológicos e fundamentalistas que parte da sociedade (re)produz. Nesse contexto, Jaeger *et. al* (2019, p.12) afirmam que a identidade bissexual é categorizada da seguinte maneira:

[...] percebemos que as mesmas costumam ser ininteligíveis e consideradas como falhas pelas normas presentes no contexto heterossexual e homossexual. Assim, sob a lente de um regime de verdade monossexual, a sexualidade das pessoas bissexuais costuma ser erotizada, entendida como falsa e inexistente, ao mesmo tempo em que suas práticas e discursos são marginalizados, silenciados e excluídos.

Diante do regime de verdade monossexual, a bissexualidade como apresentada pelos/as docentes reforça o que Jaeger *et. Al* (2019) expuseram sobre o campo discursivo, isto é, a ocupação de um espaço em que ela não é reconhecida e validada como uma identidade sexual a ser vivenciada, mas uma ameaça às demais sexualidades que são monossexuais. Posto isso, urge a necessidade de que a educação se modifique para proporcionar aos estudantes na Educação Básica uma formação que possa contribuir para o respeito e aprendizado com as diferenças como o Professor 4 enuncia:

Eu acho que a educação, para ser quase perfeita, integradora, cumprir todos aqueles objetivos que a gente tem, ela tem que, sabe, sair trabalhando as várias nuances que são possíveis no ser humano. E sexualidade é uma das nuances que a gente deveria fortalecer (Professor 4).

No discurso do Professor 4 houve um enunciado que sublinhou uma educação que trabalhe as possibilidades da diferença da subjetividade humana e não somente os conteúdos curriculares hegemônicos, proporcionando uma formação de respeito e aprendizado com as várias possibilidades e sentidos da existência humana. Nessa perspectiva, os corpos, gêneros e sexualidades, como a bissexualidade, devem existir sofrendo menos violências físicas e simbólicas.

Diante disso, é possível enxergar uma vontade por parte dos/das docentes entrevistados de trabalhar essa temática, mas que ainda é difícil devido ao contexto das escolas, dos responsáveis pelos estudantes, do próprio currículo hegemônico escolar, de uma convergência perversa entre neoliberalismo e neoconservadorismo, enfim, diante de uma gramática que tenta interpelar os indivíduos em sujeitos iguais e diferentes como apresentam os/as docentes entrevistados ao dizerem que:

Nosso público aqui é composto por alunos que vêm de uma situação social bastante precarizada, e muitos pais vivem em condições ainda mais vulneráveis. Eles não têm liberdade para dialogar com os pais e nem os pais com seus filhos para tratar de questões relacionadas à saúde sexual e à sexualidade. Por isso, às vezes precisamos trazer esse debate sobre sexualidade, mas isso ainda é muito difícil devido ao contexto interiorano, que é conservador (Professor 2).

Às vezes, a gente até tenta propor debate, uma coisa ou outra, algo momentâneo, na sala de aula: “vamos respeitar o coleguinha, deixar de chamar de viado ou sapatão”. Não tem nada de errado na condição, no comportamento como a gente chama erroneamente. Aí o menino já solta uma piada: “Parece que esse professor é meio perigoso também”. Então, a gente enfrenta algumas situações desse jeito que, vamos dizer assim, impedem o aprofundamento, o debate sobre essas questões (Professor 4)

Diante do que é posto pelos/as professores/as, a escola ainda é um ambiente em que desestabilizar os mecanismos advindos do neoliberalismo e do neoconservadorismo, presentes nas relações sociais, torna-se difícil, porém urgente. Isso se evidencia sobretudo porque muitos estudantes que estão na escola acabam sofrendo com a dicotomia excludente e inteligível por serem cis-heterodissidentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando nosso objetivo principal que foi: compreender as disputas de produções de sentidos que são engendradas nos discursos de docentes de duas escolas públicas estaduais de Passira-PE sobre a bissexualidade, o que se conclui é que nas disputas de produções de sentidos que se sobrepõem e se apresentam nos enunciados e discursos de docentes foi evidenciado interdiscursividades a partir de duas articulações de formações discursivas.

A primeira se baseou em uma fundamentação essencialista e binária, que concebe as identidades monossexuais como fixas, enquanto a bissexualidade é compreendida como indecisão. Essa compreensão decorre do binarismo presente nas relações sociais, o qual inviabiliza o reconhecimento de identidades que se atraem por mais de um gênero, reduzindo-as a uma fase ou processo de transição.

A segunda articulação discursiva emerge da combinação entre os discursos biológico e sociológico. Juntos, essas formações desestabilizam a lógica monossexista e a cis-heteronormatividade, ao proporem uma compreensão do corpo não como algo restrito às suas características físicas, mas como uma instância afetada e constituída pelo contexto sociocultural. O primeiro interdiscurso, por sua vez, reforça a monossexualidade e a

cis-heterossexualidade impedindo a existência de heterodissidentes como, os/as bissexuais nas escolas.

Entretanto, o segundo interdiscurso desestabilizou os conceitos que sustentam o monossexismo e a cis-heteronormatividade, ao propor outras possibilidades de significação para os corpos e identidades. Esse movimento evidenciou o caráter fundamental dessas disputas de sentidos que é a heterogeneidade. Nesse caminho, os discursos apresentam os efeitos que a monossexualidade, a cis-heterossexualidade e cis-heteronormatividade têm produzido na escola, nas famílias, na sociedade, no Estado e nos indivíduos.

Nesse ínterim, os discursos bifóbicos manifestaram-se por meio de silenciamentos produzidos tanto pelo currículo como pela influência da religião, que se faz fortemente presente no contexto interiorano. Além disso, observou-se entre os entrevistados uma resistência que busca desestabilizações da monossexualidade e cis-heteronormatividade, e consequentemente, materializando um ambiente mais plural e democrático no respeito e aprendizado com a diferença.

Isto ocorreu com alguns dos/as docentes entrevistados que reconhecem a identidade bissexual no espaço, querem promover um trabalho acerca da temática da sexualidade, mas devido à ausência de documentos oficiais da educação que possibilitem a inclusão dos corpos e sexualidades no currículo escolar e da lógica neoliberal e neoconservadora ficam à mercê das (re)produções da sociedade que não deixam que a ordem do discurso cis-heterossexual seja problematizada e desestabilizada.

Essa ordem, infelizmente, é reforçada pela família, religião e alguns dos próprios docentes que trabalham nas escolas e apresentam um preconceito por meio do discurso que impossibilita o trabalho do currículo de forma a garantir as diferenças e especificidades de subjetividades, principalmente, diante de pessoas heterodissidentes. Partindo dessas reflexões, compreende-se que, ao analisar docentes da área de Humanas, não é possível abarcar a totalidade dos sentidos que regem, produzem e estabilizam uma gramática que reforça categorias excludentes no contexto escolar.

Docentes das áreas de Ciências Exatas, por exemplo, podem mobilizar outras formações discursivas não contempladas pelos profissionais de Humanas, cristalizando diferentes posições que ainda podem ser mapeadas. Essas posições, por sua vez, abrem possibilidades para novos modos de pensar as disputas de sentidos estabelecidas por docentes em torno da bissexualidade nas escolas de Ensino Médio do Agreste pernambucano.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Plano Nacional de Educação - PNE : Lei nº 13.005, de 9 de maio de 2014

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade. 1. ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CARVALHO, Fabiana A. de; INOCÊNCIO, Adalberto F. O desagendamento da educação para os corpos, gêneros e sexualidades: um projeto neoliberal, um arranjo neoconservador e as várias pedagogias fascistas. Instrumento: Revista de Estudo e Pesquisa em Educação, v. 23, n. 2, p. 236-257, 2021.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. In Cadernos de pesquisa, n. 114, p. 197-223, 2001.

FOUCAULT, Michel. A ordem do Discurso. 5º ed. São Paulo, Editora Loyola, 1999.

GONZÁLEZ, J. L. Bisexualidad ¿Mito o realidad? En hombres de edad adulta temprana: lineamientos para una pedagogía sexual desde los centros educativos colombianos. Dialéctica, n. 2, p. 2016.

GRAUPE, Mareli Elaine; PEREIRA, Josilaine Antunes. Homossexualidade e bissexualidade na escola: diferentes olhares. In: RÍO, José M^a Valcuende Del; ANDRADE, Piedad Vásquez; MACARRO, Maria J. Marco, (Orgs.) Sexualidades, represión, resistencia y cotidianidades. Servilla: Aconcagua Libros, p. 481-50, 2016.

JAEGER, M. et al. Bissexualidade, bifobia e monossexismo: problematizando enquadramentos. Periodicus, n. 11, v. 2, p. 1-16, 2019.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia nas escolas: um problema de todos. In: Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, p. 13-52, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Revista e atualizada. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

OLIVEIRA, Gustavo Gilson Sousa de. Provocações para aguçar a imaginação/invenção analítica: aproximações entre a teoria política do discurso e análise do discurso em educação. In: LOPES, Alice Casimiro; OLIVEIRA, Anna Luiza A. R. Martins de; OLIVEIRA Gustavo Gilson Sousa de. (Orgs.) A teoria do discurso na pesquisa em educação. Recife : Ed. UFPE, p. 164-211, 2018.

Renan Elizeu da Silva

**DISCURSOS DOCENTES DE ESCOLAS PÚBLICAS: DISPUTAS DE SENTIDOS SOBRE
BISSEXUALIDADE NAS EREMS DE PASSIRA-PE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Pedagogia do Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, na modalidade ARTIGO como requisito parcial para a obtenção do título de LICENCIADO(A) EM PEDAGOGIA.

Aprovado(a) em: 02/12/2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcelo Henrique Gonçalves de Miranda

Orientador(a) - CAA/UFPE

Prof. Doutorando: Claudianderson Nogueira da Silva

Examinador(a) externo(a) - PPGEDUC/UFPE

Prof. Doutorando: Victor Hugo Barbosa da Silva Oliveira

Examinador(a) externo(a) - PPGEDUC/UFPE